

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
ENSINO SECUNDÁRIO

UNIDADE LETIVA 6
Um sentido para a vida

**Propostas de soluções para as atividades inseridas
no manual do aluno**

ÍNDICE

- 3 O SENTIDO
 - 3 Proposta de atividade (p. 12)
 - 3 Proposta de atividade (p. 16)
 - 4 Proposta de atividade (p. 18)

- 4 O ABSURDO
 - 4 Proposta de atividade (p. 19)
 - 4 Proposta de atividade (p. 22)
 - 5 Proposta de atividade (p. 25)

- 6 A VOCAÇÃO
 - 6 Proposta de atividade (p. 27)
 - 6 Proposta de atividade (p. 30)
 - 7 Proposta de atividade (p. 31)

- 7 AS ESCOLHAS
 - 7 Proposta de atividade (p. 33)

- 8 A PASSAGEM
 - 8 Proposta de atividade (p. 37)

- 8 A DÁDIVA
 - 8 Proposta de atividade (p. 40)

- 9 A MORTE
 - 9 Proposta de atividade (p. 43)

O SENTIDO

Proposta de atividade (p. 12)

1. O que incomoda o autor do texto é que o seu interlocutor não entenda o sentido de *existir*, ou seja, não entenda o *milagre* subjacente à sua existência como ser vivo e como ser humano e, portanto, a importância que tem o facto de ter vindo à existência, apesar da sua extrema improbabilidade.
2. De acordo com a argumentação apresentada, a existência de cada um, na complexidade da sua identidade e do reconhecimento dessa identidade, é extremamente improvável. A improbabilidade deriva de cada um ser o resultado da vitória de um espermatozoide contra 300 milhões concorrentes; da vitória de um longo processo evolutivo que deu origem ao universo, ao planeta Terra, às primeiras formas de vida, aos primeiros seres humanos e à sua extraordinária adaptação, motivo pelo qual não se extinguiram.
3. Com a extraordinária complexidade da história do universo, do nosso planeta, da vida na Terra e da nossa espécie; cruzam-se argumentos cosmológicos e biológicos com o objetivo de destacar a importância da vida humana.
4. Esta reflexão deve ser orientada no sentido de proporcionar a consciência da vida humana como algo verdadeiramente extraordinário, único, que tem tanto de improvável como de incompreensível, na medida em que a vida — em sentido abstrato — e concretamente a vida humana — autoconsciente, criativa, inteligente — é conceptualmente um desafio que nos desconcerta e que nos permite a passagem do *mistério do ser humano* ao *mistério de Deus*.

Proposta de atividade (p. 16)

1. Os motivos concretos: o divórcio e a falência da sua empresa, com as implicações afetivas e económicas próprias desse tipo de situações. Outros motivos consequentes: o sentimento de abandono, a depressão e a progressiva perda de sentido... até à iminência do suicídio.
2. Fundamentalmente, procurava reencontrar a vontade de viver, um novo sentido para a vida.
3. O Caminho de Santiago — na medida em que implica uma grande peregrinação — é um acontecimento que proporciona uma profunda introspeção, o tempo-espaco de silêncio que possibilita a redefinição da própria existência contextualizada, a distinção entre o essencial e o acessório, o contacto com a natureza, com a autenticidade dos peregrinos, com as tradições, com a história e a cultura.

ra do Caminho. Tudo isto, e a experiência humana e espiritual subjacente possibilitam a redefinição de um sentido para a vida.

4. Esta expressão significa que um Caminho só termina em Casa, ou seja, nas consequências que esse Caminho produziu na reconstrução da vida, nos seus aspetos mais abstratos e nas situações concretas: uma vida plena de coisas simples.

Proposta de atividade (p. 18)

O professor deve orientar esta proposta de atividade no sentido de levar os alunos a refletirem sobre aquilo que é essencial e aquilo que é acessório ou secundário; sobre a importância do tempo, sobre assumir o presente de um modo comprometido e edificante.

O ABSURDO

Proposta de atividade (p. 19)

1. Trata-se do momento em que a fome e a decadência o prostram definitivamente.
2. É simultaneamente causa e consequência: é causa, apesar de não se ter apercebido da perda gradual de sentido; e é consequência, na medida em que lhe permite uma diagnose da sua condição antes de, gradualmente, recuperar um sentido para a vida.
3. A diagnose e o arrependimento.

Proposta de atividade (p. 22)

1. Orientar a reflexão no sentido de perceber o contexto: é muito importante destacar que se trata de um universo de 815 idosos institucionalizados.
2. Em sociedades carateristicamente pós-modernas, hiperurbanizadas e hipertecnificadas, o abandono e solidão dos idosos é uma realidade cada vez mais alarmante. Mais de meio milhão de idosos (em 2011) em Portugal vivem sozinhos; muitos milhares vivem institucionalizados. Nesse sentido, a eutanásia tem argumentos suficientemente sedutores para disfarçar estratégias socioeconómicas subjacentes à sua apologia.

3. As conclusões do estudo seriam provavelmente muito diferentes.

4. Orientar a reflexão no sentido de concluir sobre a necessidade de uma sociedade mais humana, em que têm que ser repensadas as relações pessoais, os modelos familiares e socioeconômicos, a vizinhança e outras estruturas de proximidade, a revalorização do idoso no seio da sociedade, etc.

Proposta de atividade (p. 25)

1.

a) O temperamento maníaco-depressivo, uma projeção da personagem «poeta romântico», o exemplo de outros poetas suicidas, o amor excessivamente idealizado e não correspondido, baixa autoestima, evidentes dificuldades na realização pessoal e profissional, assim como em todas as questões mais práticas, relacionadas com o quotidiano, etc.

b) É muito difícil estabelecer um quadro de argumentos que, então, pudessem ser apresentados a alguém como Guilherme de Faria, na medida em que o contexto que potencia o suicídio é muito vasto e complexo; ainda assim, há um conjunto de situações que poderiam diminuir a probabilidade do suicídio: a desconstrução do mito e de um certo fatalismo associado ao «poeta romântico»; um apoio mais enfático na necessidade de concretizar no quotidiano o potencial criativo do poeta, o modo intensamente passional com que assume a realidade, as relações; uma resposta mais consequente aos pedidos de ajuda que tantas vezes apareceram formulados na sua poesia.

2. Orientar a reflexão no sentido de perceber que os artistas e os poetas são pessoas particularmente sensíveis ou mesmo hipersensíveis e, por isso, são pessoas mais suscetíveis ao complexo novelo que geralmente potencia o suicídio. Refletir ainda no sentido de tentar perceber se porventura aquilo que os torna tão especiais e criativos não é precisamente o mesmo que torna os poetas e artistas muito mais vulneráveis a comportamentos suicidários.

3. Na sequência da expressão de Camus, vale a pena arriscar a pergunta: o suicídio não será muitas vezes a única opção para pessoas que tendo refletido filosoficamente sobre o sentido da vida não encontraram um sentido para a vida? Ou seja, sem enfrentar a [in]inteligibilidade do suicídio — o problema do sentido da Vida e dos limites conceptuais da Morte — não existe filosofia.

4. Nesta questão é necessário contextualizar o modo como historicamente a Igreja foi refletindo sobre o suicídio, assim como as evidentes dificuldades em aceitar, no âmbito da mundividência cristã, um ato que atenta contra a própria vida, aquilo que poderíamos designar por «primeiro» amor: o amor-próprio, sem o qual é muito difícil conceber qualquer outra expressão amorosa. Naturalmente,

à medida que se vai percebendo a complexidade do novelo que potencia o suicídio, a Igreja vai desagravando a «culpa» do suicida. Em 1929 o Cardeal Cerejeira talvez não pudesse compreender um conjunto de argumentos que em 1972 eram já comumente aceites, mas entretanto tinham passado 40 anos, tendo sido possíveis inúmeros avanços no domínio do diagnóstico e tratamento de patologias associadas a comportamentos suicidários, assim como uma compreensão mais abrangente do fenómeno.

A VOCAÇÃO

Proposta de atividade (p. 27)

1. Orientar a reflexão no sentido de perceber que o problema inerente a *acreditar em Deus* não radica no facto de inferir a sua existência ou não existência, mas de afirmar uma relação de confiança. É esse o significado de *profissão de fé*.
2. Na medida em que habitualmente o problema se coloca na questão: EU acredito em Deus? Ou seja, como se o «mistério de Deus» fosse uma questão dependente de um certo ensimesmamento condescendente; ou como se fizéssemos depender o mistério de Deus do modo como refletimos, com mais ou menos simplismo e superficialidade, acerca do nosso contexto circunstancial.
3. Orientar a reflexão em torno de uma série de questões: tendo em consideração as minhas virtudes e os meus defeitos, as minhas atitudes e comportamentos morais, as minhas relações, o testemunho das pessoas que convivem comigo... tendo tudo isto em consideração, considero que Deus acreditaria ou confiaria em mim?

Proposta de atividade (p. 30)

1. O que identifica os dois textos é o diálogo que Deus estabelece com o ser humano, o modo como o chama, como o interpela, e o modo como o ser humano responde afirmativamente a esse chamamento, a essa interpelação, e se assume como interlocutor de Deus.
2. Samuel, muito jovem, ainda revela dificuldade em reconhecer a «voz» de Deus; com a ajuda de Eli, coloca-se numa atitude de profundo acolhimento e diálogo: «Fala, Senhor, que o teu servo escuta». Por seu lado, Elias, num contexto de provação, refugiado no monte Horeb, é chamado a reco-

nhecer que Deus não estava no vento, no tremor de terra ou no fogo, mas no murmúrio de uma brisa suave; então prossegue o diálogo.

Proposta de atividade (p. 31)

1. Identifica-os o contexto de vocação-chamamento, concretizado na expressão: «Vem comigo.» Em ambos os textos Jesus estabelece um diálogo de caráter vocacional. O que os distingue é a resposta dos interlocutores de Jesus: o homem do primeiro texto recua desgostoso; enquanto os homens do segundo texto, João e Tiago, deixaram tudo e seguiram Jesus.

2. Em sentido literal, esse homem questiona Jesus: «Que hei de fazer para conseguir a vida eterna?» Com efeito, busca um sentido para a vida.

3. No primeiro texto encontramos um homem inquieto e virtuoso, que aborda Jesus e que busca um sentido para a vida; percebe-se que busca esse sentido, mas não está disposto a abdicar de uma certa área de conforto material de que dispõe. No segundo texto, João e Tiago respondem ao apelo de Jesus com uma liberdade quase desconcertante, na medida em que agem impulsivamente.

4. Fundamentalmente à liberdade de cada um: essa liberdade prende-se com a capacidade de responder a um chamamento, ponderando naturalmente questões afetivas, relacionais, materiais, entre outras. A liberdade é uma condição imprescindível para equacionar o problema da vocação em sentido cristão.

AS ESCOLHAS

Proposta de atividade (p. 33)

1. O medo, a indecisão... a falta de autonomia.

2. Por vezes deixamos que a vida seja apenas um «pressentimento», o sentimento vago de que alguma coisa vai acontecer, a consciência de que vivemos numa expectativa indecisa, numa permanente indefinição. Talvez o pressentimento de que fala o poeta se refira à Glória que ele crê existir, ainda que o próprio desalento o tivesse mantido aquém dela, ou se refira ao mistério que essa realidade última (Deus?) é, essa estrada por percorrer até ao último suspiro, mas que fica sempre para lá de todo o caminho percorrido.

A PASSAGEM

Proposta de atividade (p. 37)

1. De certo modo, tirando as «roupagens» próprias de um texto do século XVII, este poderia bem ser um retrato do nosso mundo: as coisas que passam, o modo como tudo «ferve», o tempo profundamente acelerado e a alienação que essa aceleração provoca. Com efeito, seria um interessante exercício reescrever este texto alterando apenas as «roupagens» próprias do tempo.

2. O P. Manuel Bernardes apresenta o mundo como uma caricatura, um mundo acelerado em que tudo passa e em que os néscios não dão conta do modo como passa, de como é fugaz a realidade circunscrita daqueles que vivem iludidos com coisas tão mutáveis. Sábios são, para o P. Manuel Bernardes, os desenganados, aqueles que «se tiram de fora com o pensamento e começam a olhar de longe, esses são os sábios desenganados».

A DÁDIVA

Proposta de atividade (p. 40)

1. Ser feliz, nesta perspectiva, significa ter a capacidade de perceber que a felicidade depende menos do contexto em que me situo e mais do modo como integro os aspetos positivos ou negativos da minha realidade ontológica e existencial no quotidiano e do modo como assumo esses aspetos para a construção de um projeto de vida.

2. Na nossa sociedade, a publicidade «vende» modelos de felicidade fácil, como um produto consumível. Com efeito, ser feliz passa fundamentalmente, nessa perspectiva, por uma atitude materialista, hedonista, em que a felicidade é um estado que resulta de uma noção de «bem-estar» que carece fundamentalmente de suplementos de consumo que nos possibilitam a sensação mais ou menos ilusória de prazer, de juventude, de «qualidade de vida», de *status*, etc.

3. A reflexão deve ser orientada no sentido de possibilitar a consciência de que somos, independentemente do nosso contexto, profundamente responsáveis pela nossa felicidade, pelas condições que a possibilitam e por mudanças de vida que nos proporcionem uma felicidade mais autêntica, marcada por valores espirituais, pela consciência moral, pelas relações que estabelecemos num horizonte humanista.

A MORTE

Proposta de atividade (p. 43)

Nestas duas pinturas, de Klimt e de Simberg, encontramos a presença impressionante da morte. Na primeira há uma evidente ligação entre a morte e o mundo dos vivos, composto por um emaranhado de corpos, de diferentes idades e tons de pele; entre as pessoas que dormem, envolvidas por tecidos coloridos, destaca-se um corpo de alguém mais velho, junto a uma criança (o que acentua a dissemelhança), em que as cores frias que o envolvem talvez denunciem que está morto e que se trata do fator de interesse da morte, à esquerda.

Na segunda pintura, de Hugo Simberg, são os mortos que ganham vida e cuidam do cemitério como se de um jardim se tratasse. Para os pintores simbolistas, a morte e a vida, a interação entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, era uma questão central, que provocava, que desinstalava, que permitia compreender a vida como o espaço-tempo evanescente em que a morte se vai impondo como uma realidade incontornável e desconcertantemente íntima.